



Vivendo uma vida vegana: uma análise do processo de conversão ao veganismo no Brasil e Canadá¹

Felipe da Luz Colomé²

Resumo: O artigo analisa o processo de conversão ao veganismo. Para isso, com base na adaptação de um modelo de análise de conversão religiosa, discutem-se as diferentes etapas do processo de conversão ao veganismo com base em entrevistas realizadas com adeptos no Brasil e Canadá, atentando para as motivações e valores mobilizados pelos atores e como eles justificam a sua adesão a esse modo de vida. As conclusões apontam que o processo de conversão ao veganismo é fortemente marcado por operações de racionalização e reflexão sobre o sofrimento animal, que são articuladas por sentimentos morais e emoções. Ademais, ele é caracterizado pela politização crescente dos discursos e práticas que integram esse modo de vida.

Palavras-chave: Veganismo; Conversão; modo de vida; ativismo político; anti-especismo.

Living a vegan life: an analysis of the conversion process to veganism in Brazil and Canada

Abstract: *The article analyzes the process of conversion to veganism. Based on the adaptation of a religious conversion analysis model, the different stages of the*

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.
 2 Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) – Rio de Janeiro – Brasil – flcolome@hotmail.com – Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6864097188361698> – ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4282-3120>.

conversion process to veganism are discussed drawing upon on interviews carried out with adherents in Brazil and Canada. Thus, the article explores the motivations and values mobilized by the actors and how they justify their adherence to this way of life. The conclusions indicate that the process of conversion to veganism is strongly marked by operations of rationalization and reflection on animal suffering, which are articulated by moral sentiments and emotions, as well it is characterized by the increasing politicization of discourses and practices that integrate this way of life.

Keywords: Veganism; Conversion; way of life; political activism; anti-speciesism.

Vivendo una vida vegana: un análisis del proceso de conversión al veganismo en Brasil y Canadá

Resumen: El artículo analiza el proceso de conversión al veganismo. Para tal, a partir de la adaptación de un modelo de análisis de conversión religiosa, se discuten las diferentes etapas del proceso de conversión al veganismo con base en entrevistas realizadas con adherentes en Brasil y Canadá, prestando atención a las motivaciones y valores movilizados por los actores y cómo justifican su adhesión a este modo de vida. Las conclusiones indican que el proceso de conversión al veganismo está fuertemente marcado por operaciones de racionalización y reflexión sobre el sufrimiento animal, que se articulan con sentimientos y emociones morales, además de caracterizarse por la creciente politización de los discursos y prácticas que integran este modo de vida.

Palabras clave: Veganismo; Conversión; modo de vida; activismo político; antiespecismo.

Introdução

Nas últimas duas décadas, é perceptível um contingente crescente de pessoas, em distintos contextos sociais e culturais, que rejeita o consumo de produtos de origem animal e denuncia as relações historicamente estabelecidas entre a humanidade e os animais, consideradas como injustas e cruéis. Tal fenômeno, entendido sob o signo do veganismo, pode ser compreendido, inicialmente, como um conjunto de práticas e uma ideologia cuja prescrição básica e fundamental é a abstenção do consumo de qualquer produto ou serviço que implique na exploração de animais.

Conforme a organização *The Vegan Society* (2018), fundada em 1944, sendo uma das sociedades veganas mais antigas, o veganismo é definido como “uma forma ou modo de vida que busca excluir, na medida do possível e praticável, todas as formas de exploração e crueldade dos animais para alimentação, vestimenta ou qualquer outro propósito”. Nesses termos, a adoção de um modo de vida vegano vai significar profundas transformações na vida dos seus adeptos, visto que se busca evitar o consumo e utilização de qualquer produto ou serviço relacionado com o especismo e a exploração animal.

Assim, esse processo significa profundas modificações em hábitos comezinhos, como é o caso da alimentação, bem como uma revisão e refutação de qualquer hábito ou prática relacionada com a utilização de animais, como o uso de medicamentos e cosméticos testados em animais, além de roupas e calçados feitos de peles de animais. Desse modo, os seus adeptos contestam e denunciam a exploração de animais nas suas diferentes formas, protestando também contra a sua exploração para fins de divertimento, como é o caso de circos, zoológicos, touradas, entre outras práticas, como também contra a sua utilização para fins científicos, como a vivisseção ou testes em animais (Celka, 2012; Garner, 2002; Herzog, 1993; Munro, 2005).

Nesse sentido, seguindo os pressupostos do modelo de análise de conversão religiosa proposto por Gooren (2010) e da sociologia pragmática, nos termos de Boltanski e Thévenot (1991), o presente artigo³ tem como objetivo central compreender o processo de conversão ao veganismo, atentando para como os atores percebem as suas práticas como posicionamentos morais e políticos ao que consideram injusto. Dessa forma, busca-se discutir o processo de conversão ao veganismo com base em entrevistas realizadas com adeptos, de forma a reconstruir esse momento, atentando para os valores mobilizados pelos atores e como eles justificam a adesão ao veganismo. Além disso, o trabalho explora como a adesão a um novo modo de vida relacionado ao veganismo traz implicações em diferentes aspectos da vida cotidiana, da identidade e dos relacionamentos das pessoas ouvidas.

Desse modo, o artigo visa contribuir para a compreensão dos processos de engajamento que se utilizam principalmente da esfera privada/cotidiana,

3 O presente trabalho é fruto da pesquisa de doutoramento intitulada “Consumo, política e engajamento: uma análise sociológica do consumo contestatário vegano no Brasil e Canadá” (Colomé, 2018). Agradeço ao prof. Marcelo Kunrath Silva pela atenta orientação da tese, aos colegas do Grupo de Pesquisa Associativismo, Contestação e Engajamento (GPACE-UFRGS) pela leitura e sugestões a uma versão prévia do artigo, bem como aos pareceristas anônimos que avaliaram o artigo e trouxeram críticas e sugestões que foram igualmente importantes para o aprimoramento do artigo.

oferecendo um modelo de análise, com base na adaptação de um modelo de análise de conversão religiosa, para a descrição e compreensão do engajamento a um modo de vida, que também é expressão de posicionamentos políticos em relação, especificamente, à causa animal. Portanto, o trabalho oferece uma possibilidade interpretativa para os modos de engajamento que não poderiam ser entendidos mediante os modelos analíticos utilizados para a compreensão dos processos de engajamento militante em movimentos sociais, em face de sua característica, que não implica, necessariamente, o engajamento em movimentos organizados de forma coletiva. Ao mesmo tempo, o trabalho também busca descrever e compreender as diferentes dimensões e particularidades de formas de engajamento que requerem a adesão a um conjunto de valores e práticas sociais, na forma de um modo de vida, como é o caso do veganismo.

Para isso, o trabalho analisa o processo de conversão ao modo de vida vegano com base em entrevistas⁴ realizadas com adeptos do veganismo no Brasil e Canadá. As entrevistas em profundidade foram realizadas com 18 pessoas no Brasil e 15 no Canadá, englobando aqueles que participam em grupos ativistas e ainda os adeptos que não integram tais grupos. O número de entrevistas foi definido por meio da técnica de saturação de dados. Elas foram transcritas e tratadas com a técnica de análise de conteúdo categorial⁵ não apriorística, seguindo a abordagem de Bardin (2011).

Em relação ao perfil dos entrevistados, a maior parte, em ambos os países, possui nível superior de escolaridade. Em relação ao gênero, no Brasil, foram entrevistadas nove mulheres e nove homens. No Canadá, foram entrevistadas onze mulheres e quatro homens. Em relação à faixa etária, no Canadá, oito entrevistados estão na faixa entre vinte e trinta anos, e sete estão na faixa entre trinta e quarenta anos. No Brasil, dois entrevistados estão na faixa etária entre quinze e vinte anos, três estão na faixa entre os vinte e trinta anos, seis estão na faixa entre trinta e quarenta anos, cinco estão na faixa entre os quarenta e cinquenta anos e, por fim, dois entrevistados estão na faixa entre os cinquenta e sessenta anos. Em relação à ocupação, a maior parte dos entrevistados no Brasil atua no setor privado (três atuam no serviço público e dois

4 As entrevistas foram realizadas no Brasil em 2015 e no Canadá em 2016. A realização de entrevistas no contexto canadense foi possível por meio da realização de estágio doutoral (Doutorado Sanduíche - CAPES) no Centre for the Study of Democratic Citizenship (CSDC), Department of Political Science, McGill University. Para mais informações, consultar Colomé (2018).

5 As entrevistas foram analisadas e, posteriormente, categorizadas com base em seu tratamento informacional com o software RQDA (Huang, 2016).

são estudantes). Já no Canadá, a maior parte também atua no setor privado (dois são funcionários públicos e seis entrevistados são estudantes). No que diz respeito à renda, a maior parte dos entrevistados nos dois países pertence a estratos médios. Em relação ao pertencimento a grupos ou organizações que militam em prol do veganismo ou direitos animais, a maior parte dos entrevistados (vinte e três pessoas), em ambos os países, não possui vínculo organizativo. Por fim, em relação à filiação religiosa, a maior parte dos entrevistados brasileiros se declara ateuista ou agnóstica, enquanto três se filiam a religiões cristãs. Entre os entrevistados no Canadá, a maior parte se declara ateuista ou agnóstica, três declararam não possuir credo e uma entrevistada se declara budista.

O texto está estruturado da seguinte forma: na segunda seção, após a introdução, é discutido e exposto o modelo de análise de conversão utilizado; na terceira seção, discute-se a primeira etapa do processo, a fase de pré-afiliação, entendida como o momento no qual os adeptos do veganismo têm os primeiros contatos com esse modo de vida, principalmente por meio do vegetarianismo; já a quarta seção se destina à análise da etapa da afiliação, que significa um momento inicial de transição, reflexão e adaptação de rotinas e práticas para o veganismo; na seção subsequente, é abordada a etapa de conversão, compreendida como uma etapa de mudança radical no nível pessoal da visão de mundo e da identidade dos adeptos do veganismo; na sexta seção, é discutida a etapa de confissão, que é compreendida como a etapa de solidificação do processo de conversão e o veganismo é incorporado à identidade dos sujeitos, implicando ainda o engajamento, no sentido político, dos atores nas práticas e discursos do veganismo, que buscam disseminá-lo no contexto social no qual estão inscritos. Por fim, são apresentadas as considerações finais e referências utilizadas.

Modelo de análise de conversão ao veganismo e modo de vida

Conforme será discutido, as pessoas entrevistadas indicam que a adesão ao veganismo implica um processo de adoção de novos valores que deságua no rompimento e crítica a diferentes práticas legitimadas socialmente. Tais práticas e hábitos, como é o caso da utilização de animais para a alimentação, sua dimensão mais visível, são contestados por um processo de crítica ao que se considera injusto em termos morais e éticos. Nesses termos, é possível investigar as linhas gerais desse processo, aqui entendido pelo conceito de conversão, atentando para as justificativas, nos termos de Boltanski e Thévenot (1991), que

são aduzidas pelos atores para refutar as práticas, hábitos e discursos arraigados historicamente que legitimam a exploração animal e proceder à defesa de um “modo de vida vegano”.

O modelo de análise de conversão, aqui empregado, é baseado no modelo proposto por Gooren (2010) de carreira (ou percurso) de conversão concebido para investigar o processo de conversão religiosa. Esse modelo proposto pelo autor busca analisar os diferentes episódios e dimensões do processo de conversão, levando em conta a interação dos fatores relacionados aos indivíduos (suas trajetórias, ideias e ações), a organização religiosa e o contexto sociocultural mais amplo. Assim, de acordo com o autor, o conceito é uma forma de sintetizar um século de abordagens sobre a conversão nas Ciências Sociais, bem como se afastar de explicações monocausais (Gooren, 2010: 4).

Nos termos do modelo proposto por Gooren (2010), o processo de conversão é motivado por diferentes fatores, tais como: individuais, fatores culturais e sociais, institucionais e ainda fatores de contingência. Além disso, ele pode ser percebido por meio de determinados “indicadores” que evidenciam o processo de conversão e seus diferentes níveis, sendo o indicador mais importante aquele relacionado com mudanças nos entendimentos e discursos dos indivíduos, na medida em que eles se engajam em uma reconstrução biográfica: “reconstruindo o seu passado de acordo com o novo universo do discurso e a sua gramática e vocabulário de motivos” (Gooren, 2010: 4).

Desse modo, esse modelo parece útil para analisar o processo de conversão ao veganismo, visto que possibilita a compreensão de um profundo processo de mudança pessoal e identitária com base em novos valores e visão de mundo e ainda as interações com outros atores e grupos que gravitam em torno da causa animal e o contexto sociocultural no qual eles estão inscritos. Dessa forma, o conceito e modelo de conversão utilizado se inspira na seguinte definição do autor:

Defino conversão como uma mudança pessoal abrangente de visão de mundo religiosa e identidade, baseada tanto no auto-relato quanto na atribuição por outros. Esses outros obviamente incluem pessoas do mesmo grupo religioso, mas também podem incluir outras pessoas importantes que não são membros⁶ (Gooren, 2010: 3).

6 I define conversion as a comprehensive personal change of religious worldview and identity, based on both self-report and attribution by others. These others obviously include people from the same religious group, but may also include significant others who are not members.

Além disso, justifica-se a utilização do conceito de conversão, visto que, em consonância com a pesquisa de Herzog (1993), são identificadas similaridades⁷ – no presente caso, principalmente relacionada a uma mudança radical da visão de mundo e identidade dos entrevistados – entre a adesão ao veganismo e a conversão religiosa. Nesses termos, não obstante o veganismo não se tratar de uma crença religiosa e poder ser interpretado como uma ideologia⁸ (Celka, 2012) ou um movimento cultural difuso (Cherry, 2006), esse conceito é pertinente para pensar a adoção do veganismo como um processo de conversão que implica a adesão a um sistema de valores que passa a moldar diferentes aspectos da vida daqueles que se tornam veganos, com impactos na construção identitária de seus adeptos.

A despeito da existência de modelos de análise dos processos de engajamento militante, como é o caso do modelo de análise desenvolvido por Silva e Ruskowski⁹ (2016), o presente trabalho opta pela adaptação do modelo de Gooren em face do caso em lume prescindir de identificação e inserção organizativa. Portanto, a opção por esse modelo de análise leva em conta que o processo de adesão ao veganismo, por um lado, implica a conversão a um modo de vida com base em um sistema de valores e, por outro lado, pela compreensão da ausência de algumas características relativas aos processos de engajamento militante, visto que um de seus pressupostos básicos é relacionado à adesão a grupos organizados de forma coletiva.

7 Conforme Herzog (1993), ao passo que as crenças religiosas desempenham um papel minoritário no engajamento e pensamento dos ativistas da causa animal por ele entrevistados, é possível traçar paralelos entre o envolvimento nesse movimento e a conversão religiosa: “First, most activists experienced a change in fundamental beliefs, shifting to a worldview which several of the participants referred to as a ‘new paradigm’. Second, dramatic lifestyle changes accompanied this shift in thinking. Third, there was an evangelical component to the involvement of almost all of the activists—a mission to spread their message. Fourth, many activists seemed to experience a sense of sin. For most, this was not the result of personal guilt, though some were troubled when their behavior did not measure up to their ideals” (Herzog, 1993: 117).

8 O termo é utilizado pela autora, no sentido do conceito de ideologia empregado por Mannheim (1986), para analisar o desejo que caracteriza os atores animalistas de impor uma verdade heterogênea, mas que seria erigida como absoluta. Nesses termos, a autora considera que “a doxa animalista e a utopia vegana são ideologias contestatórias porque se opõem radicalmente, sob todos os pontos de vista, à cultura hegemônica, à ideologia dominante transportada pela civilização ocidental” (Celka, 2016: 306). Em face disso, o uso do conceito pela autora é distinto daquele empregado dentro do espectro marxista como falseamento da realidade. Para mais detalhes sobre esse tema, consultar Marques (2021).

9 O modelo de análise desenvolvido pelos autores visa “explicar as formas de ativismo sociopolítico que envolvem a atuação continuada ao longo de tempo em defesa de uma determinada causa, as quais tendem a expressar-se empiricamente por meio da identificação e da inserção organizativa” (Silva e Ruskowski, 2016: 226).

De outra parte, a compreensão do processo de conversão, com base no conceito proposto por Gooren (2010), é articulada com os pressupostos básicos da teoria da justificação na medida em que ela postula a constante mobilização de uma gramática moral à qual os atores fazem referência no curso de suas ações (Boltanski e Thévenot, 1991). Dessa forma, com base nas justificações relacionadas ao processo de conversão ao veganismo, seria possível, por um lado, descrever os possíveis fatores decisivos para a sua conversão, bem como pensar a conformação de um sistema de valores que sustenta o que os atores referem como um novo modo de vida, na forma de uma gramática moral¹⁰.

De maneira geral, o fenômeno do veganismo parece estar presente de forma similar nos dois contextos estudados, no Brasil e Canadá. Apesar da falta de dados gerais sobre a adesão ao veganismo nesses dois contextos, é possível inferir que um número significativo de pessoas nesses dois países tem aderido a um modo de vida vegano. Em uma das poucas pesquisas conduzidas no Brasil sobre a percentagem da população brasileira que se declara vegetariana, realizada pelo instituto IBOPE (2018), a estimativa é de 8%¹¹. No Canadá, em uma pesquisa encomendada pela *Vancouver Humane Society* (2015), o percentual de pessoas que se declaram vegetarianas também é de 8% da população, demonstrando, portanto, uma grande similaridade entre os dois contextos. Na falta de dados¹² sobre o percentual de pessoas que se declaram veganas, é possível a realização de uma inferência com base em pesquisas realizadas em outros países. Levando em conta a pesquisa realizada nos Estados Unidos, intitulada “*Vegetarianism in America*” (Vegetarian Times, 2008), a qual estimou que, entre a população que se declarou vegetariana (3,2%), por volta de um milhão de pessoas se declaram veganas (0,5%), seria possível inferir que, no cenário brasileiro e canadense, aproximadamente 1,25% da população de ambos os países seria vegana.

Esses dados e inferências apontam que o veganismo tem se tornado mais proeminente no contexto sociocultural desses países. Além disso, eles deixam evidente que, a despeito das possíveis diferenças em termos sociais, culturais e

10 Essa gramática moral é modelizada no trabalho de doutoramento que originou o presente artigo. Para mais detalhes, consultar Colomé (2018).

11 De acordo com a pesquisa de opinião pública sobre vegetarianismo (IBOPE, 2018), 8% dos entrevistados concordam totalmente com a frase “sou vegetariano”.

12 Na falta de dados precisos sobre o crescimento do veganismo e percentual de veganos em diferentes países, também é possível considerar a crescente demanda por produtos veganos como um bom indicador do seu crescimento. Conforme a projeção da consultoria SkyQuest, o mercado global de alimentos veganos deve ultrapassar US\$ 34 bilhões até 2028, o que representa um crescimento médio anual de 9,3% desde 2021, quando o segmento movimentou o total de US\$ 15,6 bilhões (Valor Econômico, 2023).

econômicos, a ascensão de valores e práticas associadas com o vegetarianismo e o veganismo é bastante similar nesses dois países. Portanto, é possível compreender o veganismo como um modo de vida que tem despertado interesse em uma parcela crescente da população no Brasil e Canadá.

Conforme Greenebaum (2012), a maior parte das pesquisas acadêmicas tem se baseado em amostras da população vegetariana, com veganos tanto incluídos quanto excluídos dessa categoria. Além disso, uma parte considerável das pesquisas focadas exclusivamente em veganos tem investigado as razões e motivos pelos quais eles adotam uma dieta vegana. Tais estudos indicam motivações relacionadas principalmente com direitos animais, saúde e preservação ambiental (Fox e Ward, 2008; Kalof et al., 1999). Não obstante, na última década, alguns estudos que investigam a causa animal e o veganismo têm demonstrado um maior peso para o engajamento no veganismo das motivações relacionadas com princípios éticos e valores relacionados à defesa e libertação animal (Ferrigno, 2012; Franco, 2015).

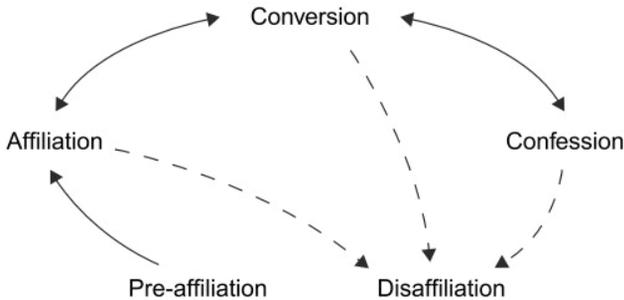
Contudo, é perceptível a falta de estudos que investigam a adesão ao veganismo, aqui entendido como um processo de conversão a um modo de vida que pode incluir ou não pessoas que fazem parte de grupos organizados em defesa da causa animal anti-especista. Uma grande parte desses estudos aborda o veganismo como uma parte da identidade de ativistas da causa animal, bem como uma condição para participação em determinados grupos, como é o caso dos grupos abolicionistas ou libertários e que ainda pode ser percebido como uma forma de estratégia, mas não pelo ângulo de um modo de vida propriamente dito (Vilela, 2013; Pereira, 2014).

Nessa esteira, é necessário esclarecer o conceito de modo de vida mobilizado, principalmente em face de sua polissemia e variantes¹³. O conceito aqui utilizado é baseado na definição realizada por Foucault. De acordo com o autor, um determinado modo de vida “pode ser partilhado por indivíduos de idade, estatuto e atividade sociais diferentes. Pode dar lugar a relações intensas que não se pareçam com nenhuma daquelas que são institucionalizadas e me parece que um modo de vida pode dar lugar a uma cultura e a uma ética” (Foucault, 1981: 3). Com base nessa definição, o conceito de modo de vida é compreendido no presente trabalho em seu caráter relacional e em vinculação à determinada ética ou visão de mundo, não podendo ser definido a priori por pertencimento

13 Para um maior aprofundamento sobre as diferentes variantes desse conceito, ver Braga, Fiúza e Remoaldo (2017).

de classe¹⁴, idade ou atividade social. Nesses termos, essa conceituação se alinha tanto com a perspectiva teórica adotada, que não pressupõe uma predefinição estrutural ligada ao pertencimento de classe, quanto aos achados da presente pesquisa, visto que a maior parte dos atores entrevistados, quando defrontados com questões relativas ao seu entendimento sobre o veganismo, preferiram o termo modo de vida para designar as suas práticas¹⁵.

Conforme previamente apontado, Gooren (2010) propõe a definição de diferentes níveis¹⁶ do processo de conversão: a pré-afiliação, a afiliação, a conversão, a confissão e a desfiliação. Com base no modelo do autor, para o estudo do processo de conversão ao veganismo, essas categorias foram adaptadas com vistas a proporcionar uma compreensão mais adequada do caso de estudo. Cabe ressaltar que o autor pondera que esse processo não é rígido ou estático, podendo não seguir cronologicamente a ordem sugerida, conforme a Figura 2:



Movimento entre os diferentes níveis de engajamento. Fonte: Gooren (2010).

14 A despeito da maior parte dos entrevistados serem pertencentes a estratos médios, a perspectiva adotada não autoriza uma interpretação no sentido de perceber, de forma determinista, a conversão a um modo de vida vegano como um fenômeno restrito a esses estratos. Nesse sentido, entende-se que o componente de pertencimento de classe não é um fator decisivo ou primordial para o processo de conversão. Ao mesmo tempo, não é possível descartar a hipótese de que o pertencimento a estratos médios pode facilitar o acesso às ideias relacionadas a esse modo de vida. Esse parece ser o caso de um acesso mais facilitado a determinadas leituras, redes de sociabilidade e de militância. Ao seu turno, é perceptível um esforço dos atores em demonstrar que esse modo de vida é acessível para a população em geral, em termos econômicos, bem como pela sua disseminação em diferentes estratos sociais, principalmente por meio das redes sociais digitais, que facilitaram o compartilhamento de ideias e valores relacionados a uma ética animalista.

15 O termo é empregado em seu sentido plural, como atividades rotinizadas que são articuladas por meio de nexos, no sentido da definição proposta por Warde (2005). De acordo com o autor, as práticas consistem em “fazeres” e “dizeres”. Isso implica que a análise deve abarcar tanto a atividade prática em si mesma quanto as suas representações. Portanto, a sua teorização leva em conta a representação útil dos componentes que formam um “nexo”, que é o meio pelo qual as ações e palavras se entrelaçam e podem ser ditas e coordenadas.

16 Para maiores detalhes do modelo desenvolvido pelo autor, consultar Gooren (2010: 48-49).

O primeiro nível, que corresponde ao de pré-afiliação, será compreendido como a fase na qual os atores relatam o contato com as ideias sobre o veganismo. Conforme será discutido, nessa fase, o contato com o vegetarianismo aparece como o principal marcador para a pré-afiliação, visto que a maior parte dos veganos entrevistados era vegetariana. Assim, o vegetarianismo funcionaria como uma espécie de porta de entrada pela qual muitos adeptos do veganismo têm contato com suas ideias e princípios.

A afiliação será compreendida como um momento de transição pelo qual as pessoas decidem adotar o veganismo. Esse momento é percebido aqui como uma sub-etapa ou fase inicial da conversão. Assim, seria uma fase de teste e adaptação de rotinas e práticas com vistas à conversão completa ao veganismo. Nesse momento, o veganismo ainda não é percebido como um modo de vida em toda a sua extensão e ainda não é um aspecto importante da identidade dos atores.

Já a conversão é compreendida em termos muitos similares à proposição do autor e significa uma mudança (radical) ao nível pessoal da visão de mundo e da identidade. Esse é o momento no qual a decisão pessoal de se tornar vegana se concretiza pela mudança de hábitos e práticas alicerçados por essa nova visão de mundo. Assim, ela passa a adotar os princípios básicos do veganismo pela recusa do consumo ou utilização de qualquer alimento, serviço, produto ou demais atividades relacionadas com a exploração animal. Nesse momento, o indivíduo passa a se afirmar como vegano e pode ser identificado por outras como vegano ou vegana.

A confissão é aqui compreendida como o momento no qual o processo de conversão se assenta e é incorporado tanto em termos identitários quanto pela rotinização das práticas e discursos relacionados ao modo de vida vegano. Nesse momento, o veganismo se torna uma parte importante da vida e do *self* dos indivíduos e significa a possibilidade de um veganismo engajado no sentido político. Esse engajamento se refere a uma atitude de intervenção no meio social no qual os indivíduos estão inseridos e pode ser percebida no ato de divulgar o veganismo sob diferentes formas, desde a sua divulgação por meio de práticas, demonstrando que é possível ser vegano e verbalizando as razões desse modo de vida, mediante a divulgação de conteúdos sobre o veganismo e causas correlatas, bem como pelo engajamento em eventos “veganos”, tanto de socialização quanto de mobilizações esporádicas e ainda por meio da participação em grupos organizados que tem o veganismo como uma de suas pautas e estratégias de atuação.

Por fim, a desfiliação se refere à situação daqueles que não se declaram veganos ou foram veganos. Dessa forma, no primeiro caso, podem ser incluídas as pessoas que de alguma forma refutam uma identidade vegana. Além disso, essa etapa poderia incluir aqueles indivíduos que se declaram veganos, mas que possuem uma concepção idiossincrática de veganismo que não é aceita ou não se enquadra nas definições mais utilizadas pela maior parte dos veganos. Assim, poderia ser o caso daqueles indivíduos que se declaram veganos, mas não são reconhecidos pelos seus pares, por, a título de exemplo, utilizarem alimentos ou vestimentas de origem animal. Não obstante, essa fase do processo de conversão não é abordada em face de nenhum dos entrevistados se enquadrar em tal situação.

Pré-afiliação: o vegetarianismo como a porta de entrada para o veganismo

Com base nas definições realizadas, o processo de conversão ao veganismo pode ser descrito e analisado em conjunto com os fatores preponderantes que podem ser identificados em cada etapa. Conforme preliminarmente apontado, foi observado que um dos principais marcadores da etapa de pré-afiliação está relacionado com o fato de muitos serem anteriormente vegetarianos:

Eu conheci após me tornar vegetariana. Eu fui introduzida através de livros de culinária. Eu adquiri alguns. No início, é muito difícil você parar com tudo, deixar de ser um onívoro como eu era e partir para o veganismo. Eu comprei alguns livros e daí, automaticamente seguindo aquelas receitas, eu fui mudando, no início, pela culinária mesmo e, após entrando em contato pela internet com diversos sites, com diversas pessoas, e através da revista *Vegetarianos* também que eu assino desde essa época. Então, tem muita coisa legal. Então, a partir disso que eu entrei em contato e me tornei vegana (Mariana).

Esse extrato de entrevista demonstra um traço muito comum a quase todos os entrevistados nos dois contextos estudados. Quase em sua totalidade, os entrevistados declararam que foram vegetarianos. Esse fato indica que o vegetarianismo, de acordo com os relatos dos atores e conforme percebido por outras pesquisas, funciona como uma porta de entrada para o veganismo, como também para o engajamento em movimentos relacionados à causa animal (Ferrigno, 2012; Herzog, 1993). Desse modo, é possível afirmar que existe um relacionamento claro entre a adoção de uma dieta vegetariana e a posterior conversão ao veganismo.

O vegetarianismo é bem mais antigo que o veganismo e se caracteriza, principalmente, pela abstinência do consumo de carnes. O vegetarianismo já era

referido e defendido na antiguidade por filósofos como Pitágoras, que ao seu turno influenciou a conformação de um movimento vegetariano no contexto da Inglaterra do Século XVIII. Nesse cenário, de acordo com Thomas (2010), influenciados tanto pela leitura do filósofo referido, bem como pela crescente preocupação em relação ao sofrimento animal e com a morte dos animais para a alimentação, indivíduos urbanos das classes médias e altas aderiram a dietas vegetarianas. Segundo o autor, é possível perceber ainda no Século XVII a conformação de argumentos centrais tanto para a defesa da adoção de uma dieta vegetariana com base na ideia de evitar o sofrimento e a morte de animais sensíveis quanto para a formação dos movimentos de defesa dos animais nos séculos subsequentes.

Nesse sentido, historicamente, a adesão ao vegetarianismo é bastante marcada pela recusa ética, estética e moral ao consumo de carnes. Portanto, é possível conceber o vegetarianismo como um antecedente histórico importante do veganismo, visto que ele fornece alguns argumentos comuns ao veganismo relativos à preocupação com a vida dos animais. Em face disso, o contato com o vegetarianismo e suas ideias centrais tende a favorecer a posterior afiliação ao veganismo, sendo que muitos veganos, ao refletirem sobre esse processo de mudança do vegetarianismo para o veganismo, indicam motivações prévias relacionadas com a questão animal e a posterior necessidade de conversão ao veganismo tanto como uma continuidade (do vegetarianismo) quanto pela identificação de uma incoerência em suas práticas vegetarianas:

Eu tenho sido vegetariano por 17 anos e todo esse tempo sempre foi o meu plano eventualmente virar vegano como muitos vegetarianos fazem. Às vezes, você inventa desculpas, você inventa uma narrativa que permite continuar consumindo ovos e laticínios e não necessariamente ser restrito sobre o uso dos animais, exploração animal e eventualmente apenas se tornou visível a natureza hipócrita de ser vegetariano, sabendo que eu quero ser vegano. Foi avassalador. Então eu decidi. Nunca haverá um momento em que de repente eu estarei pronto. Então eu apenas tive que entrar nisso (Derick).¹⁷

17 I've been vegetarian for 17 years and in that entire time it was always my plan to eventually go vegan and as a lot of vegetarians do, sometimes you come up with excuses, you come up a narrative with allows to continue to consume eggs and dairy and not necessarily be restricted about the use if animals, animal exploitation and eventually just became the hypocritical nature of being vegetarian and knowing that I wanna to be a vegan it was overwhelming, and so I decided, it's never going to be a time where I suddenly found myself ready, so I just had to go into it (Derick).

Seguindo a definição proposta, a conversão ao veganismo pode ser percebida inicialmente como um processo de mudança de visão de mundo e percepção em relação aos animais. Dessa forma, a adoção prévia do vegetarianismo fornece alguns elementos importantes para a posterior afiliação e conversão ao veganismo, na medida em que aqueles que adotam o vegetarianismo em razão da preocupação em não causar sofrimento e morte de animais para a alimentação já demonstram um alinhamento a valores relacionados a uma reflexão moral e ética sobre a utilização de animais.

Por outro ângulo, outros elementos podem ser apontados como fatores importantes da fase de pré-afiliação. Esse é o caso das redes de sociabilidade nas quais estão inseridos os atores entrevistados. Diversos relatos apontam para a importância do círculo familiar, de amizades e relacionamentos pelos quais tiveram contato com ideias, argumentos e práticas relacionadas ao vegetarianismo e veganismo:

Eu tenho muitos amigos que eram veganos quando eu era uma jovem adolescente. Eu acho que é algo que muitas pessoas estavam interessadas quando éramos *punks* e jovens. E isso se tornou (...) A maioria dos meus amigos já era vegana. Eu fui vegetariana, por um período muito breve, antes de ser vegana. Então eles ficam tipo, um absurdo você ser vegetariano e não vegano. E então, quando eu contei para minha mãe, ela foi gentil tipo, ok, o que você quiser. Acho que eu tinha 16 anos ou algo assim. Eu estava trabalhando em período integral e era bastante independente naquela época. Então, não era como se eu tivesse que aprender a cozinhar de novo (Michelle).¹⁸

A importância dessas redes de relacionamento para o processo de conversão ao veganismo indica que elas podem contribuir para o contato inicial com as práticas e discursos relacionados ao veganismo. Em consonância com os achados do presente trabalho, a pesquisa de Cherry (2006) também aponta para a importância fundamental das redes de sociabilidade¹⁹ prévias para a adesão ao

18 I have a lot of friends who were vegans, when I was a young teenager, I guess it was something that a lot of people were interested when we are punks and young, and it became (...) The most of my friends they already had been vegan, I've been vegetarian, a very brief period, before being vegan, so they are like, absurd that you are being vegetarian and not vegan and so when I told my mom she was kind of, like ok, wherever you want, I think I was 16 or something, I was working full time and pretty much independent at that point, so wasn't like I have to learn how to cook all over again (Michelle).

19 Nesse aspecto, seria possível observar uma similaridade em relação ao processo de engajamento em movimentos sociais. De acordo com Passy (2003), as redes de sociabilidade prévias são fundamentais no processo de participação individual nos movimentos sociais, como seria possível observar, por exemplo, no caso de muitos afro-americanos que se envolveram no movimentos civis, na década de 1950 em diante, e eram membros de Igrejas Batistas. Para mais detalhes, consultar Passy (2003).

veganismo. Compreendendo o veganismo como um movimento cultural difuso, a autora investigou o engajamento de veganos não pertencentes a grupos organizados, buscando entender a sua participação.

Dessa forma, ela pesquisou a participação de adeptos do veganismo com base em dois grupos distintos: um grupo formado por indivíduos inseridos na subcultura *punk* e outro grupo formado por indivíduos não *punks*, de modo a investigar como eles definem e praticam o veganismo de formas distintas. Nesse estudo, a autora indica a inserção na subcultura *punk* como um fator importante na adesão e manutenção do engajamento dos indivíduos no veganismo. Conforme Cherry (2006), as redes de sociabilidade estabelecidas entre os atores inseridos na subcultura *punk* contribuem para criar um repertório discursivo que auxilia os veganos *punks* a moldar o seu “mundo social”, dando suporte aos seus engajamentos. Destaca-se ainda o fato de que todos os *punks* veganos entrevistados pela autora eram *punks* antes de serem veganos.

Nesses termos, tendo em vista a fase de pré-afiliação, não obstante as diferenças entre os entrevistados da pesquisa da autora e os da presente pesquisa, visto que a menor parte dos veganos ouvidos fez parte de grupos *punks* ou anarquistas antes de se tornarem veganos, o fator relacionado às redes de sociabilidade se configura como uma parte importante para a adesão ao vegetarianismo e a posterior afiliação e conversão ao veganismo. Desse modo, uma parcela significativa relatou o contato com o vegetarianismo e veganismo por meio da rede de amigos e familiares, que parece oferecer, em consonância com o trabalho de Cherry (2006), apoio e argumentos para o processo de conversão no seu sentido amplo.

Por fim, ainda que de forma secundária, também é possível considerar que os engajamentos prévios em outras causas e suas redes de sociabilidade, como a causa ambiental, o feminismo, o antirracismo, entre outras, podem fornecer alguns elementos importantes, em termos de princípios éticos e valores, para a pré-afiliação e posterior conversão ao veganismo. Nesses termos, em consonância com a literatura sobre o tema, que aponta para a vinculação do veganismo com diferentes causas (Cherry, 2006; Greenebaum, 2012; Colomé, 2018; Carmo, 2019; Santos, 2022), foi possível notar que a participação ou identificação dos atores com outras causas pode favorecer a sua pré-afiliação ao veganismo. Tal nexos pode ser percebido no extrato a seguir:

(...) foi assim: eu fui convidada para ver o Terráqueos. E aí eu achei que era um filme, sei lá. Quem me convidou vamos ver o terráqueos, achei que era um filme qualquer assim. E aí, quando eu fui lá, eu vi do que se tratava.

Assim e eu já era feminista, bem informal, eu lia de vez em quando, era muito revoltada com questões de exploração do trabalho (...) e bom, virei vegana (Fabiana).

Nessa ótica, em sintonia com os achados de Cherry (2006), ainda que a participação prévia em outras causas tenha sido identificada em menor proporção dos entrevistados na presente pesquisa, é possível considerar sua importância tanto para a fase de pré-afiliação e posterior conversão ao veganismo quanto para eventuais diferenças em termos de justificações para a defesa do veganismo e ainda em variações na forma como o veganismo é percebido e praticado, dependendo dos valores centrais das causas defendidas. Em face disso, pode-se conceber que esses “múltiplos engajamentos”, nos quais a adesão a novos valores (morais) atravessa o “filtro” de valores já aderidos anteriormente²⁰, podem facilitar o processo inicial de conversão ao veganismo e a sua posterior solidificação.

Afiliação: virando vegano, os primeiros passos

Conforme definido, a afiliação se configura como o momento inicial de conversão ao veganismo, de transição, reflexão e adaptação de rotinas e práticas. Além disso, o veganismo ainda não é uma parte central da identidade dos indivíduos. Nesse caso, ele significa, para a maior parte dos entrevistados, a transição inicial das práticas e discursos relacionados ao vegetarianismo para o veganismo. Nessa fase, podem ser localizados alguns fatores relacionados ao momento de decisão individual de tornar-se vegano, que pode ser desencadeado de diversas formas, desde uma longa vivência e prática do vegetarianismo, que pode levar a uma reflexão sobre a ampliação da abstinência de produtos de origem animal para além da dieta, até eventos marcantes que podem desencadear determinadas emoções, ou ainda a participação em grupos organizados e redes de sociabilidade, entre outros.

Com base nos extratos de entrevistas das páginas precedentes, é possível aduzir que a fase da afiliação, em muitos casos, foi um processo contínuo de uma reflexão e racionalização em relação à questão animal. Dessa forma, pode-se observar pelo menos duas questões morais comuns ao momento de decisão de uma pessoa se tornar vegana: a culminação da ideia de um dever moral para com os animais e a noção de um imperativo moral de coerência na vida cotidiana mediante o seu alinhamento com determinados valores.

²⁰ É nesse sentido que podemos falar de um “punk-anarquista-vegano”, de um “eco-veganismo”, de um “feminismo-vegano” ou ainda do “afro-veganismo”.

O papel dos sentimentos morais e das emoções para os processos de adesão ao veganismo e aos movimentos de direitos e proteção dos animais já foi identificado em diferentes pesquisas (Franco, 2015; Herzog, 1993; Herzog e Golden, 2009; Jasper, 1997; Ruby e Heine, 2011; Sherry, 2009). De acordo com Jasper (1997), em consonância com Thomas (2010), as emoções e sentimentos morais relacionados aos animais são frutos de um processo histórico²¹ de sensibilização em relação a sua situação e estatuto. Para o autor, as relações estabelecidas pela maior parte das pessoas com os animais, cerca de duzentos anos atrás, podem ser descritas em termos estritamente utilitários: utilização de cavalos para locomoção, animais silvestres para caça, criação de animais domésticos para a alimentação ou para algumas tarefas²², como proteção, no caso dos cães (Jasper, 1997).

Dessa maneira, de acordo com o autor, os animais estavam por toda a parte, mas não era preciso pensar sobre eles, já que eles não teriam alma. Além disso, conforme os ensinamentos bíblicos, eles teriam sido criados para a humanidade utilizá-los conforme a sua vontade. Nesse sentido, não obstante alguns pensadores terem se debruçado sobre a questão animal em séculos passados, conforme discutido, condenando sua exploração, a maior parte dos filósofos defendia que eles não tinham sentimentos e argumentava que os animais se retorciam e gritavam como reações automáticas, não porque sentiam dor como os humanos. Mesmo que sentissem dor, não haveria problema, visto que eram apenas animais. De outra parte, aqueles que se preocupavam com sofrimentos dos animais eram percebidos como loucos ou insanos (Jasper, 1997).

Em contraste, em diversos contextos sociais na atualidade, como no caso do Brasil e do Canadá, a compreensão de que os animais, de forma geral, seriam apenas recursos a serem explorados e utilizados pelos humanos tem perdido espaço para uma compreensão dos animais como seres com os quais compartilhamos mecanismos biológicos básicos, como os sentidos e as capacidades de

21 De acordo com Thomas (2010), é possível conectar esse processo de sensibilização à urbanização e presença crescente de animais domésticos nos lares urbanos ingleses. Assim, esse processo, que se acentuou nos séculos seguintes no contexto europeu e encorajou as classes médias a formar uma visão otimista da inteligência animal, “fez surgirem inúmeras anedotas sobre a sagacidade dos bichos; estimulou a ideia de que os animais podiam ter caráter e personalidade individualizados; e deu fundamento psicológico à tese de que alguns animais, pelo menos, mereciam consideração moral” (Thomas, 2010: 170).

22 Outros, com menos sorte, como os gatos, eram percebidos como somente um pouco “melhores” dos que os roedores que eles devoravam. Sua maior utilidade no contexto dos Estados Unidos era para os festivais e eventos políticos onde eles eram colocados em sacos e incendiados (seus terríveis gritos eram uma atração) ou para utilização junto de outros animais para “divertimento” por meio de rinhas (de cães, galos, macacos, touros) (Jasper, 1997).

sentir dor e prazer, dotados de capacidades mentais próprias. Não obstante a dualidade ainda persistente relacionada ao tratamento distinto aos animais, visto que alguns deles são mantidos na condição de animais de estimação, criando laços afetivos, e outros são explorados como recursos, para alimentação, vestuário, lazer e ciência, é possível visualizar uma mudança histórica na forma como percebemos os animais, que é plasmada nas modificações dos sentimentos morais em relação a eles.

Por outro lado, esse processo de sensibilização e conformação de sentimentos morais em relação aos animais também está relacionado a outros fatores, como é o caso das mudanças de atitudes e costumes relacionados ao que Elias (1994) conceituou como o “processo civilizador”. Esse processo também implicou mudanças relativas à forma de apresentação à mesa dos animais que serviam de alimento, sendo cada vez mais descaracterizados enquanto animais pela remoção da cabeça, por exemplo, indicando a mudança de um padrão de sentimentos. Assim, de um padrão de sentimentos segundo o qual a vista e o trincho de um animal morto disposto na mesa eram coisas agradáveis, ou que pelo menos não eram percebidos de forma negativa, “o desenvolvimento levou a outro padrão pelo qual a lembrança de que o prato de carne tem algo a ver com o sacrifício do animal é evitada a todo o custo” (Elias, 1994: 128).

Em face disso, esses sentimentos morais e emoções podem ser percebidas como dimensões importantes para o processo conversão ao veganismo que derivam de um longo fenômeno de construção de sensibilidades em relação aos animais e não devem ser compreendidos de forma naturalizada ou individualizada. É nesse sentido que Goodwin, Jasper e Polletta (2001) consideram que as emoções mais relevantes²³ para os processos de engajamento dizem respeito à face mais construída, mais cognitiva dessa dimensão. Portanto, os sentimentos e emoções como os de ultraje moral, a vergonha relativa à deterioração de identidades coletivas ou o orgulho de participar em movimentos em busca de sociedades mais justas, entre outros, seriam exemplos de emoções que não são respostas automáticas, mas sentimentos e emoções construídos e relacionados a questões morais, de obrigações e direitos que são culturalmente e historicamente variáveis.

Por outro ângulo, Fassin (2012) considera que os sentimentos morais têm se tornado uma força importante na política contemporânea:

23 Goodwin, Jasper e Polletta (2001) afirmam que é por essa razão que a abordagem utilizada para a investigação das emoções envolvidas nas manifestações políticas se afasta de muitos trabalhos na sociologia das emoções, que de maneira geral tendem a concentrar seus esforços em configurações e relacionamentos afetivos duradouros, bem como do trabalho experimental em psicologia, que objetiva investigar as emoções mais “instintivas”.

Os sentimentos morais tornaram-se uma força essencial na política contemporânea: eles alimentam os seus discursos e legitimam as suas práticas, particularmente quando esses discursos e práticas se concentram nos desfavorecidos e nos dominados, seja em casa (os pobres, os imigrantes, as pessoas em situação de rua) ou ainda mais longe (as vítimas da fome, das epidemias ou da guerra). Por “sentimentos morais” entendemos as emoções que direcionam nossa atenção para o sofrimento dos outros e nos fazem querer remediá-los (Fassin, 2012: 11).²⁴

Nesses termos, de acordo com o autor, os sentimentos morais articulam emoções com valores, como é o caso da sensibilidade com altruísmo, e ainda determinados valores podem ser derivados de emoções, como é o caso da experiência de empatia, que precede o sentido do bem. Assim, por exemplo, a compaixão representa uma combinação aparentemente paradoxal entre emoção e razão. Portanto, a simpatia sentida pelo infortúnio do próximo gera a indignação moral que pode levar a ação para pôr fim a tal situação. Tal nexos pode ser percebido nos extratos de entrevistas a seguir:

Eu não sei, mas acho que foi a principal motivação foi revolta. É injusto, sabe? É violento, não existe direito, sabe? A gente não tem direito de fazer isso com eles, né? Não sei se a palavra certa é “não é certo”, “não é ético”, sabe? Acho que a primeira motivação é a revolta (Fabiana).

Dessa forma, a decisão de um indivíduo se tornar vegano é informada por sentimentos morais relacionados à percepção do sofrimento e exploração dos animais, visto que os veganos entrevistados ressaltam a percepção de que a sua conversão ao veganismo está muito relacionada à identificação do sofrimento animal como uma questão moral central. Esses trechos, que são representativos do conjunto das entrevistas, indicam que os sentimentos morais, nos termos de Fassin (2012) – entendidos como as emoções que direcionam a atenção dos atores ao sofrimento dos outros (nesse caso, dos animais) em um processo de solidarização que os fazem querer agir em prol daqueles que sofrem – são uma parte importante da fase de afiliação.

24 Moral sentiments have become an essential force in contemporary politics: they nourish its discourses and legitimize its practices, particularly where these discourses and practices are focused on the disadvantaged and the dominated, whether at home (the poor, the immigrants, the homeless) or farther away (the victims of famine, epidemics, or war). By “moral sentiments” are meant the emotions that direct our attention to the suffering of others and make us want to remedy them (Fassin, 2012: 11).

Nesse sentido, é possível pensar a dimensão da emoção para o processo de conversão ao veganismo de forma articulada com questões morais e em termos não antagônicos com os processos de racionalização. Assim, pode se perceber que a reflexão e ponderação sobre a situação dos animais é articulada com sentimentos morais que impulsionam os atores a adotarem o veganismo como um modo de vida que não compactuará com a exploração e o sofrimento infligido aos animais.

Por outro ângulo, conforme já definido, a fase da filiação também significa um momento de transição e adaptação ao que será compreendido como um novo modo de vida. Dessa forma, nessa fase, os atores buscam adaptar suas rotinas com base em uma nova visão de mundo que começa a direcionar as suas práticas e discursos:

Eu acho que, depois de um tempo que tu é vegana, aquilo ali já está meio que faz parte da tua vida. Assim, no início, é bem complicado. Até porque tu não sabe, tu não tem aquele conhecimento, né? (...) Então, assim, são conhecimentos que tu tem que trazer para a tua vida. Tu tem que ler um rótulo e saber que um estearato pode ser de origem animal ou não. (...) Acho que o início é mais difícil, né? E depois vai se tornando parte do teu cotidiano (Fernanda).

Essa etapa significa diferentes rupturas, tensões internas e externas (em relação a outras pessoas), visto que a afiliação ao veganismo implica na mudança de hábitos prosaicos e possui o potencial de causar uma desestabilização na vida dos indivíduos. Esse é o caso, por exemplo, de tensões e estranhamentos com pessoas que compõem a rede de relações dos veganos e veganas em face da adoção de novas práticas alimentares. O seguinte extrato demonstra essa questão:

Quer dizer, foi uma transição, para os meus pais, porque, quando eu vou vê-los, minha mãe tem que pensar “não posso cozinhar isso ou aquilo”. Eles têm que pensar em mim, no que eu como. Então, às vezes, eu cozinho com antecedência, enquanto antes eu só iria e comeria o mesmo que todo mundo. Então, para meus pais, acho que foram mais adaptações. Para amigos, eu acho que é ótimo. Nós costumamos comer sempre no mesmo restaurante e agora a gente experimenta novos lugares (Amelie).²⁵

25 I mean, it's was a transition, for my parents, because when I go to see them, my mom has to think, I can't cook this or that, they have to think about me, what I eat, so sometimes I just cook in advance, whereas before I would just like come and eat the same as everybody, so for my parents I think it was more adjustments, for friends I think it's great, we used to eat at the same restaurant all the time and now we like try new places (Amelie).

Tais relatos evidenciam as grandes tensões relativas à fase da afiliação ao veganismo, principalmente em relação ao círculo familiar. Desse modo, essa etapa pode interferir de uma forma direta no processo de conversão, visto que, dependendo do grau de dependência do sujeito em relação ao núcleo familiar ou da força dos laços familiares, as críticas enfrentadas pelos atores podem dificultar o processo de conversão, principalmente em suas etapas iniciais. Não obstante, tais relações podem contribuir tanto para a desestabilização do processo de conversão, principalmente de jovens que vivem com os pais, quanto para a possibilidade de facilitação, conforme discutido, daqueles que possuem uma rede de sociabilidade “vegetariana” ou “vegana”.

Conversão: uma mudança radical de vida

Conforme já definido, a fase seguinte à afiliação é a conversão. Ela diz respeito a uma mudança radical ao nível pessoal da visão de mundo e da identidade. Nela, a decisão de tornar-se vegano se concretiza pela mudança dos hábitos e práticas e o indivíduo passa a se identificar como vegano, sendo também identificado por outras pessoas como tal. Portanto, essa fase implica a adesão a um sistema de valores e visão de mundo que significa o modo de vida vegano e sua recusa ao consumo e utilização de qualquer alimento, serviço ou produto relacionados à exploração animal. Esse é o aspecto fundamental dessa fase. Em virtude disso, a fase de conversão requer o engajamento dos indivíduos a uma nova visão de mundo que passa a considerar os animais enquanto seres implicados com a moral e a justiça.

Para os veganos e veganas entrevistados, a conversão ao veganismo se relaciona, portanto, a uma nova concepção e visão sobre os animais e as relações entre eles e a humanidade. De acordo com atores, esse modo de vida implica a rejeição dos valores e práticas convencionados socialmente que legitimam a exploração dos animais, culminando em uma mudança radical de vida:

Eu acho que o veganismo é um posicionamento político contra a exploração de animais, mas que também afeta o teu estilo de vida e a tua filosofia de vida, porque, é (...). Esses dias uma amiga minha falou uma coisa que é verdade. O veganismo não é uma causa que tu pode comprar e não colocar na prática. (...) O veganismo tu tens que levar para dentro de casa. O sabonete que tu usas no banho vai mudar, a roupa que tu usas vai mudar, a comida que tu faz em casa ou vai comer na rua. Enfim, é todo um processo de mudança. Não é só tu falar da causa. Não é uma causa só teórica, digamos assim. É uma causa que existe na prática, né? Então, é muito mais difícil.

Então, eu acho que é por isso exatamente que é difícil de as pessoas adotarem também. Por que falar é fácil, mas, então (...) Então, pra mim, é isso, é uma mudança radical de vida (Fernanda).

Nesse sentido, é possível focalizar a discussão sobre os alicerces que constituem a visão de mundo que informa e significa as práticas e discursos relacionados ao modo de vida vegano. Parece claro que o veganismo compartilha uma visão de mundo comum aos movimentos e grupos relacionados à causa animal, em especial o que ficou conhecido como Movimento de Direitos Animais (MDA). De forma similar ao que já foi apontado por Herzog (1993), os veganos entrevistados demonstram que a maior mudança relacionada a essa nova visão de mundo é relativa à percepção de uma igualdade fundamental entre os seres humanos e as demais espécies de animais. Tal visão de mundo tem grandes implicações, portanto, tanto em termos morais e políticos quanto em termos comportamentais, visto que essa visão de mundo contesta valores e práticas que legitimam a utilização de animais para diferentes fins, bem como o próprio estatuto dos seres que não se inscrevem na noção de humanidade.

Conforme já discutido, o processo de conversão ao veganismo articula dimensões relacionadas a sentimentos morais e emoções que não são percebidas em contraposição ou de forma diametral a uma dimensão racional e reflexiva. Nesses termos, o processo de conversão é conformado por uma gramática moral que se coaduna tanto por emoções, que se traduzem na forma de sentimentos morais, informando determinados valores, como a compaixão, quanto com a reflexão sobre a correção das ações dos sujeitos em face de determinados princípios e valores baseados, por exemplo, nas noções de justiça e ética:

É aí que tá, porque, quando você pergunta para mim o que é veganismo, a minha primeira resposta foi “é um movimento de boicote à indústria da crueldade”, ou “um movimento de justiça”. Eu acho que é onde dá para chegar mais perto do conceito de veganismo, movimento de justiça, se a gente tiver entendendo como veganismo a libertação animal e não somente algumas motivações que a gente vê hoje em dia quando a gente liga a televisão. A atriz fulana de tal se tornou vegana porque ela diz que a pele melhorou (Fabrício).

Tais relatos evidenciam alguns aspectos e dimensões que compõem a visão de mundo relacionada ao modo de vida vegano. Nesses termos, conforme já previamente apontado, os valores e princípios relacionados ao veganismo são compartilhados e fazem parte da mesma gramática moral relacionada ao MDA. Dessa forma, essa visão de mundo tem em seu núcleo determinadas noções

fundamentais que denotam algumas das modificações históricas na percepção social sobre os animais, bem como conceitos e posições derivadas em grande escala de algumas obras importantes da filosofia animalista. Nesse sentido, a obra *Libertação Animal*, de Peter Singer, que é referenciada por muitos como a bíblia do moderno movimento pelos direitos animais (Varner, 1998), fornece alguns dos argumentos fundamentais dessa visão de mundo, como é o caso da noção de especismo. Outro autor do campo da filosofia, Tom Regan, posteriormente também contribuiu com a complexificação do debate, com um acento sobre a questão dos direitos animais, fornecendo alguns elementos importantes para a conformação dessa visão de mundo. De forma não exaustiva²⁶, é possível apresentar os contornos gerais dessa visão de mundo com os argumentos mobilizados pelos veganos ouvidos e sua articulação com os conceitos dos autores²⁷ citados.

Com base nessas definições, é possível identificar que alguns dos pressupostos fundamentais das obras e conceitos dos autores constituem uma parte importante da visão de mundo dos veganos entrevistados. O conceito de especismo, por exemplo, que, de acordo com Singer (2013: 11), “é o preconceito ou atitude tendenciosa de alguém a favor dos interesses de membros da própria espécie, contra os de outras”, é acionado nas argumentações dos veganos ouvidos, constituindo um elemento importante de sua visão de mundo:

Acho que, para mim, o veganismo é um ato de escolha para rejeitar o conceito de especismo e, mais do que tudo, é uma espécie de voltar-se para o dever da ideia de que, por alguma razão, a vida dos animais não importa ou não importa em no mesmo nível da vida dos seres humanos. E eu acho que, uma vez que se começa a questionar isso, para mim, o veganismo abre a porta para perceber que muitas premissas que fazemos sobre como as coisas têm sido começam a ficar claras, como as coisas têm sido não necessariamente tem de ser. Portanto, fazendo uma escolha pessoal de abster-se de comer ou usar, usando produtos de origem animal, isso mostra que é possível imaginar um mundo onde isso não é algo que você simplesmente considera como

26 A conformação de uma gramática moral que confere sustentação argumentativa ao veganismo é explorada com maior profundidade na tese de doutoramento que originou o presente trabalho, mediante a modelização das justificações dos atores. Dessa forma, os argumentos foram modelizados tendo em consideração as ordens de grandeza já legitimadas. Ademais, discute-se a possibilidade da formação de uma grandeza animalista que sustenta os argumentos centrais relacionados ao veganismo. Para mais informações, consultar Colomé (2018).

27 Gary Francione também parece ocupar um lugar importante na filosofia animalista que orienta as justificações dos atores. Não obstante, a presente pesquisa, seguindo a compreensão de Varner (1998), considera que Singer e Regan foram os autores mais influentes para o MDA contemporâneo.

certo ou garantido. Para mim, é uma espécie, toca nos direitos dos animais, toca no meio ambiente, toca na ideia de fazenda corporativa gigante, coisas assim, é meio que, é uma visão de mundo muito abrangente (Derick).²⁸

De forma similar, o emprego da noção de direitos animais, que é o foco da discussão realizada por Regan (1983), é muito comum nas justificações dos atores. Portanto, a noção de que os animais são sujeitos de direitos é um componente igualmente importante da visão de mundo do modo de vida vegano:

Para mim, é uma coisa ligada. O veganismo e o direito dos animais é uma coisa que é sinônimo da outra. Para mim, o veganismo existe porque é em defesa. Para mim, é todo o veganismo, é a verbalização do direito dos animais, entendeu? Para mim, é isso. A única coisa que é a voz daquilo que os animais deveriam ter como vida é o veganismo. Tu não usa nada que é testado em animal, tu não promove matança, eu acho (Carolina).

Dessa forma, em consonância com as pesquisas que já indicaram a importância desses autores do campo da filosofia para os ativistas do movimento de direitos animais, visto que eles fornecem argumentos percebidos pelos ativistas como racionais e estratégicos para a justificação de suas posições e da própria causa (Groves, 2001; Maurer, 2002; Ferrigno, 2012; Vívela, 2013; Pereira, 2014; Franco, 2015), é possível identificar que eles também são fundamentais para a configuração da visão de mundo dos veganos ouvidos e ainda para a justificação²⁹ dos seus engajamentos. Nesses termos, conforme exposto, percebe-se nas falas dos veganos entrevistados diferentes argumentos que fazem referência direta ou indireta aos conceitos dos autores. Isso reafirma, portanto, a importância de tais conceitos na conformação de uma visão do mundo com uma coerência interna que vai informar o modo de vida vegano.

28 I think for me veganism is making an act of choice to reject the concept of speciesism and more than anything it's a sort of feeling back at the devenir of the idea that for some reason the lives of animals does not matter or don't matter at the same level as it does for human beings and I think once to start to question that for me veganism opens the door to seem that a lot of assumptions we make about how things have been, starts to become clear, things that had been don't necessarily have to be. So making a personal choice to refrain from eating or wearing, using animal products, it shows that this it's possible to imagine a world were that's not something you just take from granted. For me is a sort, touches on animal rights, touches on the environment, touches on the idea of giant corporative farm, things like that, it's sort of, it's all-encompassing a world view (Derick).

29 Além disso, de acordo com Groves (2001), as discussões realizadas pelos autores da filosofia que se debruçaram sobre a questão animal fornecem aos ativistas formas mais impessoais e aceitáveis para abordar a questão animal, possibilitando um afastamento da percepção de que o movimento de direitos animais seria composto, por exemplo, por pessoas que amam animais de estimação, mas como um movimento intelectual de justiça para todos os animais.

Confissão: Vivenciando e espalhando o veganismo

Conforme previamente definido, a etapa seguinte à conversão é compreendida como confissão. Ela nesse momento que o processo de conversão se solidifica e é incorporado à identidade dos sujeitos, tornando-se uma parte importante de suas vidas. Além disso, essa etapa significa o engajamento dos atores nas práticas e discursos do veganismo em sua dimensão política. Ela implica uma atitude de intervenção social nas redes de sociabilidade nas quais os atores estão inscritos, mediante a divulgação do veganismo de diferentes maneiras, por meio de práticas, como é o caso da alimentação, demonstrando que é possível ser vegano e verbalizando as razões desse modo de vida, da divulgação de conteúdos sobre o veganismo e causas correlatas, bem como por meio do engajamento em eventos “veganos”, tanto de socialização quanto de mobilizações esporádicas, e participação em grupos organizados que tem o veganismo como uma de suas pautas.

Desse modo, a fase de confissão implica uma atitude de intervenção social, que significa em última instância um projeto político e de reforma social que busca libertar os animais de diferentes formas de opressão. Essa postura ativa dos seus adeptos é alicerçada por duas dimensões básicas³⁰: a primeira é relacionada à vivência e politização de práticas e hábitos de consumo cotidianos, desde a alimentação, chegando até o vestuário e a utilização de produtos de higiene; já a segunda dimensão diz respeito à divulgação do veganismo por meio de redes de sociabilidade presenciais e mediadas pela internet, esta última principalmente caracterizada pela utilização de redes sociais digitais.

Fundamentando-se nessas definições, é possível observar como os atores em questão incorporam a identidade vegana e como o veganismo passa a compor uma parte importante de suas vidas, sendo percebido, portanto, como um modo de vida que expressa um posicionamento político:

Olha, a meu ver, assim, o veganismo, ele é um modo de vida mais assim, aprofundado para se defender os animais. É aquela corresponsabilidade, aquela coisa individual que o sujeito, ao tomar aquela decisão, ele está beneficiando animais que não vão estar diretamente ligados a ele, próximo a ele. Tipo assim,

30 Essas duas dimensões básicas são focalizadas aqui em função da sua presença constante no processo de conversão da maioria dos atores ouvidos. Nesse sentido, cabe ressaltar que é possível identificar outras dimensões dessa postura ativa de intervenção social, como é o caso dos veganos ouvidos que fazem parte de grupos organizados. Assim, no caso desses atores, pode ser percebida, de forma adicional, a dimensão relacionada à participação em grupos organizados que atuam na causa animal e que tem como uma de suas pautas a defesa e divulgação do veganismo.

como os de estimação, que tu protege e tal. Tu está dando um carinho à distância, tipo assim, dando uma proteção à distância ao não contribuir com o sistema que escraviza, que explora animais e tal. (Paulo).

Eu vejo isso, é um estilo de vida, é uma questão de estar consciente de suas ações vis-a-vis uma vida não humana, especificamente animais, outros animais, seres sencientes, se quisermos ser específicos. Então, eu vejo isso como um estilo de vida onde você está vivendo de acordo com os valores. Você tem poder, muito poder, comparando com tantas outras formas de vida neste planeta e é só uma questão de usar esse poder com responsabilidade no dia a dia (Paul).³¹

Esse modo de vida, conforme os atores ouvidos, traduz uma mudança de perspectiva sobre os animais que implica na adoção de práticas coerentes com essa visão de mundo. Portanto, um aspecto fundamental é a exigência de uma consistência moral cotidiana relacionada a um modo de vida informado com os ideais e princípios do veganismo. Em sintonia com o que já foi discutido por Herzog (1993), isso significa que esses princípios não podem ser isolados de suas práticas, implicando, portanto, um esforço constante de alinhamento de hábitos corriqueiros, como os de alimentação, com os discursos sobre os animais.

Nessa ótica, a maior parte dos veganos ouvidos, que inclui aqueles que não fazem parte de grupos organizados, bem como aqueles, em menor proporção, que são membros ativos de grupos, percebe o veganismo como uma forma de ativismo e ação política cotidiana que se baseia, principalmente, em uma postura individual coerente com a não exploração de animais, mediada também pelas estratégias de boicote³² e *buycott*. Nesses termos, apesar de alguns dos veganos engajados em grupos enfatizarem a necessidade da articulação do veganismo por meio de ações coletivas, visto que ela seria um fundamento importante da luta pelos direitos animais, a maior parte dos veganos ouvidos percebe o veganismo e a escolha de produtos alinhados com os seus ideais como uma forma de ativismo cotidiano:

31 I see it, it's a life style, it's a matter of being conscious of your actions vis-a-vis a non-human life, specifically animals, other animals, sentient beings, if we want to be specifically, so I see it as a life style where you are living according to the values, you have power, so much power, comparing to so many other life forms on this planet and it's just a matter of using that power responsibly in a day to day basis (Paul).

32 O boicote, no caso do veganismo, é marcado pela rejeição ao consumo de qualquer produto ou serviço relacionado à exploração animal e o *buycott* significa a opção por produtos e serviços alinhados com os valores de não exploração animal.

Eu acho que o veganismo difere de ser vegetariano. É mais sobre pensar em todo o ambiente em que vivemos, em todas as roupas, em todos os produtos domésticos, nos produtos de beleza. Então, todos nós tomamos cuidado em comprar essas coisas para sermos livres de crueldade pra valer, não testado em animais, e não tóxico, também é muito importante. E ser vegano não se trata apenas de coisas livres de crueldade. Trata-se de coisas ecológicas. Por isso, quando compramos produtos para casa, é sempre como um estoque, (...) sabe? Sempre orientado para a ação, para fazer o mais ecológico possível. Não é só sobre o animal, porque se importar com os animais é cuidar dos habitats deles também. É um ponto de vista holístico, odeio essa palavra (Rose).³³

Em face disso, o veganismo como um modo de vida pode ser percebido como a expressão de uma visão de mundo que vai de encontro a práticas sociais, hábitos e crenças relativas à exploração dos animais para fins humanos. Portanto, em virtude da exigência de uma coerência constante entre as suas práticas e discursos, eles também se defrontam com diferentes dilemas³⁴, que parecem colocar à prova suas convicções e ainda demonstram alguns limites claros do seu modo de vida vegano.

Essa primeira dimensão, que diz respeito à politização de suas práticas e hábitos cotidianos, pode ser percebida de forma articulada com a segunda dimensão, a divulgação do veganismo por meio das suas redes de sociabilidade presenciais, principalmente do círculo de amigos e familiares. Tal articulação ocorre na medida em que eles se utilizam dos espaços de convivência para a disseminação das ideias e práticas relacionadas ao veganismo, bem como para a exposição do seu modo de vida com vistas a demonstrar a viabilidade de suas

33 I think veganism differs from being vegetarian, it's more about, thinking about all the environment in which we lives, all the clothing, all the domestic products, the aesthetic products, so we all take care of buying those stuff to be a cruelty free for sure, non-tested on animals, and not toxic, it's also really important, and being a vegan it's not just about cruelty free stuff, it's about ecologic stuff, so when we buy domestic products, it's always like a stock, (...) you know, always oriented to action, to do the most ecological possible, it's not just about the animal, because caring about animals, caring about their habitats too, it's a holistic point of view, I hate this word (Rose).

34 Esse é o caso de algumas situações que podem ser percebidas como situações limite. Nessas situações, os atores são confrontados com dilemas (éticos) e tem de tomar algumas decisões que podem se chocar frontalmente com os princípios seguidos. Esse é o caso, por exemplo, dos veganos que possuem animais de estimação e precisam alimentá-los com rações de origem animal e da utilização de medicamentos que foram testados em animais ou que possuem ingredientes de origem animal. A maior parte dos veganos ouvidos afirma que o equacionamento desses dilemas passa pela questão da falta de alternativas. Assim, em uma situação limite, de uma doença, eles se obrigam a utilizá-los.

práticas, de forma semelhante à lógica de um testemunho. É possível perceber tal nexos nas falas dos veganos e veganas entrevistados:

(...) então, eu acho que a principal estratégia é ir se infiltrando nos grupos sociais assim, a partir de conhecidos e claro muita informação na internet, né? Para a gente desmascarar muita mentira que é trazida pela indústria, eu acho que a informação tem que estar disponível (Mariana).

Nesses termos, os veganos compreendem essa atitude de divulgação do veganismo entre as pessoas com quem convivem como uma forma de ação que busca “espalhar a palavra” do veganismo e, de forma não explícita, “ir se infiltrando na sociedade” para disseminar esse modo de vida e os seus valores centrais. Esse tipo de forma de ação já foi identificada anteriormente por Maurer (2002). Em seu estudo, a autora mostrou que os integrantes do “movimento vegano” ouvidos por ela concebem que a estratégia de mudança individual, de uma pessoa por vez, seria válida para os fins desse movimento, visto que teria o potencial de gerar mudanças globais. É nesse sentido que os atores ouvidos na presente pesquisa salientam o imperativo de “espalhar o veganismo” para assim “mudar as pessoas e a sociedade”. Nesses termos, tanto os veganos que integram grupos organizados quanto aqueles que não integram tais grupos compreendem a sua importância como uma estratégia para a mudança social.

Por outro ângulo, tais relatos evidenciam alguns traços das modificações descritas por diferentes autores que consideram ser possível perceber uma ampliação de sentido e compreensão das atividades percebidas como políticas (Bennett, 2004; Eliasoph e Lichterman, 2010; Norris, 2002; Stolle e Michelletti, 2013; Van Deth, 2014). No caso aqui abordado, percebe-se que os atores concebem que o veganismo, como um modo de vida, significa a utilização de diferentes estratégias que, em sua maior parte, denotam uma forma de ativismo mais pessoal e individualizada. Assim, as falas destacadas deixam claro sua percepção de que a difusão do veganismo por meio de redes interpessoais se configura como uma estratégia importante e como uma forma de ativismo “cotidiano”. Nesses termos, os atores ouvidos consideram que o fato de ser vegano já constituiria uma forma de ativismo, visto que as pessoas do seu círculo de convivência entram em contato com as ideias, valores e práticas do veganismo³⁵.

35 Não obstante, pode-se afirmar que os veganos não engajados em grupos organizados têm uma tendência maior a considerar o ativismo vegano dentro do quadro dos repertórios relacionados com a *lifestyle politics*.

De forma semelhante ao uso das redes de sociabilidade como uma estratégia para esse modo de ativismo, pode-se perceber a utilização pelos atores de redes de sociabilidade digitais, por meio principalmente da internet e redes sociais digitais para a divulgação do veganismo. Dessa forma, a maior parte dos entrevistados relatou o uso da rede social Facebook para disseminar conteúdos, pesquisas, imagens e peças gráficas relacionadas à causa animal e ao veganismo para a sua rede de contatos:

Eu faço isso o tempo todo. Sinto que metade das minhas postagens no Facebook são relacionadas a animais de fazenda resgatados, receitas veganas ou algo relacionado a isso. E eu acho ótimo, porque todo mundo posta coisas nas redes sociais que consideram interessantes. Eles se expressam e é uma forma muito clara de passar o que eles acham importante, o que importa para você (...) se você é vegano (Paul).³⁶

O papel da internet tem sido destacado pela literatura que discute a emergência de novos modos de participação, em especial, os relacionados com a *lifestyle politics*³⁷. Desse modo, a internet tem sido percebida como uma estrutura de mobilização importante para esses modos de engajamento mais “individualizados” (Bennett e Segerberg, 2012; Shirky, 2008; Stolle e Micheletti, 2013). Ao considerar a importância da internet para modos de engajamento mais “fluidos e individualizados” e para a configuração de novas estruturas de mobilização para a ação coletiva contemporânea, Bennett e Segerberg (2012) identificam a ascensão de uma nova lógica de engajamento: a ação conectiva (*connective action*).

A identificação por parte dos autores da ascensão de uma lógica da ação conectiva se relaciona com a percepção de que as organizações formais estariam perdendo o controle sobre indivíduos na medida em que os vínculos estabelecidos por meio de suas estruturas organizativas estariam sendo substituídos, pelos menos em parte, por redes de sociabilidade fluídas, de larga escala, que são mediadas por meio de tecnologias digitais. Assim, essa lógica implica que as

36 I do it all the time, I feel like half of my Facebook posts are something due with rescued farm animals, vegan recipes or something to do (with), and I think it's great because everyone posts things on social media that they feel are interesting, they express themselves and it's a very clear way to send out what it is they find important, what matters to you (...) if you're vegan (Paul).

37 Bennett (1998) destaca a emergência de diferentes tipos de *lifestyle politics* nas democracias contemporâneas. Desse modo, esse conceito se refere às mudanças substantivas nas motivações e estruturação do engajamento político, em que se observa a crescente importância de elementos pertencentes à esfera privada, à vida cotidiana, em suma, de aspectos referentes aos diferentes “estilos de vida” e de identidade que passam a ter forte implicação nas formas pelas quais os indivíduos se engajam politicamente.

redes de sociabilidade digitais conformam novas formas de engajamento, tanto para as organizações quanto por modos de engajamento que prescindem delas. Dessa maneira, na medida em que essa lógica não requer um forte controle organizacional ou a construção simbólica de um “nós”, ela implica, de acordo com os autores, uma dinâmica própria e uma análise em seus próprios termos (Bennett e Segerberg, 2012).

Nesses termos, a ação conectiva se configura como um conceito pertinente para a compreensão de como os atores utilizam e consideram a importância das redes de sociabilidade digitais para a disseminação do veganismo e do seu modo de vida. A maior parte dos atores entrevistados considera que a internet é uma ferramenta e estrutura fundamental para a disseminação do veganismo, dos seus valores e modo de vida. Pode-se identificar na fala dos entrevistados, com destaque para aqueles engajados em organizações, a valorização da internet como uma forma barata e eficiente de divulgação, de mobilização e articulação. Em face disso, os entrevistados consideram que essa forma tem sido muito utilizada para disseminar o veganismo, sendo um dos pilares do seu crescimento. Ademais, para ressaltar e buscar provar essa eficiência, alguns atores recorrem à própria trajetória para demonstrar a importância da internet e das redes sociais digitais para adesão ao veganismo:

Fundamental, sim. E de outras ideias libertárias também. Se não fosse a internet, eu não seria feminista, nem anarquista, nem vegana, porque eu não convivia naturalmente com pessoas assim, entendeu? Eu sempre convivi com pessoas muito convencionais. Então, essas ideias só vieram para mim, porque eram, não sei da onde que veio esse interesse, mas eu tinha, e daí a internet dá possibilidades de entrar em contato com pessoas que tu nunca conhecerias pessoalmente, sabe? (Luciana).

Nesse sentido, é possível notar que os veganos ouvidos buscam, por meio dessas tecnologias, divulgar, de maneira calculada, o veganismo no âmbito do seu círculo de amizades “virtuais”. Assim, as redes sociais digitais são estruturas importantes para a disseminação do veganismo análogas às redes de sociabilidade presenciais. Desse modo, não obstante as suas diferenças, a estratégia de buscar “mudar as pessoas” para “mudar a sociedade” permanece a mesma. Em resumo, é bastante claro que a fase de confissão significa uma atitude de buscar modificar a situação dos animais, percebida como injusta, pela divulgação desse modo de vida como um posicionamento político que visa operar uma mudança profunda na forma pela qual a humanidade tem se relacionado com

os animais. Assim, ela implica a percepção partilhada pelos atores de que, para além de mudar o seu modo de vida, ao adotar o veganismo, eles precisam disseminar o veganismo, de diferentes formas, como um imperativo moral coerente com a causa animal.

Considerações finais

No presente trabalho, inspirado no modelo de análise de conversão religiosa de Gooren (2010), foi analisado o processo de conversão ao veganismo. Entendido como um modo de vida que rejeita e denuncia relações historicamente estabelecidas entre a humanidade e os animais, o veganismo, de acordo com o que foi discutido, plasma profundas modificações em termos de valores e sentimentos morais em relação aos animais que estão ocorrendo em distintas sociedades, como a brasileira e a canadense. Nessa ótica, constatou-se que a análise da conversão a esse modo de vida possibilitou a compreensão detalhada de um processo que exige de seus adeptos um comprometimento com uma causa que reverbera em diferentes dimensões de suas vidas.

Conforme discutido, a opção pela adaptação desse modelo analítico para analisar o processo de conversão ao veganismo se deu em virtude das suas características de um engajamento que prescinde de identificação e inserção organizativa, bem como por algumas semelhanças com o processo de conversão religiosa. Nesse sentido, o artigo buscou contribuir com a literatura que se dedica à compreensão dos processos de engajamento político que se utilizam principalmente da esfera privada/cotidiana, de modo a oferecer um modelo de análise para a compreensão da adesão a novos modos de vida no contexto contemporâneo e sua politização. Ademais, o trabalho também buscou contribuir com a literatura sociológica que tem se esforçado para a compreensão do fenômeno do veganismo, mostrando a importância de se analisar como ocorre a adesão a valores e um modo de vida que resultam de um longo processo de construção de sensibilidades em relação aos animais.

Seguindo também as orientações da sociologia pragmática de Boltanski e Thévenot (1991), de se levar a sério o que os atores dizem sobre o que fazem e quando criticam o que consideram injusto, buscou-se reconstruir o processo de conversão ao veganismo com base nas justificações dos atores focalizados, compreendendo as suas razões e motivações, com vistas a perceber como ele pode ser interpretado como um modo de engajamento entendido como uma forma de comprometimento cotidiano com a causa animal e anti-especista.

Nesses termos, é possível perceber que essa orientação teórico-metodológica adotada, e principalmente a adaptação do modelo de análise de conversão de Gooren, foi fundamental para a realização de descrição e análise de todas as etapas do processo de conversão ao veganismo, de modo a oferecer uma compreensão adequada de como os atores passam a ressignificar diferentes hábitos e práticas em distintas dimensões de suas vidas, com profundos impactos em termos identitários e de sociabilidade.

Essa orientação teórico-metodológica também foi profícua para a compreensão aprofundada do processo de conversão ao veganismo e sua interface com os posicionamentos morais e políticos expressos nos discursos e práticas dos atores estudados. Dessa forma, de acordo com o que foi discutido, a análise do processo de conversão ao veganismo indica que ele é fortemente marcado por operações de racionalização dos atores sobre a situação dos animais. Em face disso, observou-se que esse processo de conversão é relacionado a duas questões morais centrais: a culminação da noção de um dever moral para com os animais que sofrem e a ideia de um imperativo moral de coerência na vida cotidiana mediante seu alinhamento com os valores centrais da causa animal, com destaque para o anti-especismo e para a noção de direitos animais.

Além disso, foi demonstrado ao longo do trabalho que essas questões morais, as quais se, em parte, são relacionadas a um processo de racionalização e reflexão constante sobre o sofrimento animal, de outra parte, se relacionam, de forma não binária ou oposta, a sentimentos morais e emoções. Dessa maneira, seguindo a ótica de Fassin (2012), foi possível evidenciar que os sentimentos morais, compreendidos como as emoções que direcionam a atenção dos atores ao sofrimento dos animais, impulsionam um processo de solidarização que os fazem agir em prol dos animais.

Por fim, ficou patenteado que a adesão ao veganismo denota um processo de conversão a um modo de vida que é baseado em um sistema de valores fortemente vinculado com a causa política da libertação animal. Assim, uma das características da conversão ao veganismo como um modo de vida é relacionada à politização crescente dos discursos e práticas cotidianas dos seus adeptos, culminando em uma atitude de intervenção social nas redes de sociabilidade nas quais eles estão inscritos com vistas a “espalhar o veganismo” e a “mudar as pessoas e a sociedade”. Desse modo, ficou explícita a dinâmica da motivação política que engendra a conversão ao veganismo. Trata-se de um compromisso, moralmente e politicamente informado, que visa à intervenção política em favor dos animais e que é articulado, principalmente, na esfera da vida privada e cotidiana dos seus adeptos.

Referências bibliográficas

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edições 70, 2011.
- BENNETT, Lance. Branded political communication: lifestyle politics, logo campaigns, and the rise of global citizenship. In: MICHELETTI, Michele; FOLLESDAL, Andreas e STOLLE, Dietlind (Orgs.). *Politics, products, and markets: exploring political consumerism past and present*. New Jersey, Transaction Books, 2004, pp. 741-761.
- BENNETT, Lance. The uncivic culture: communication, identity, and the rise of lifestyle politics. *PS - Political Science and Politics*. Cambridge, v. 31, n. 4, 1998, pp. 741-761.
- BENNETT, Lance e SEGERBERG, Alexandra. The logic of connective action. *Communication & Society*. Pamplona, v. 15, n. 5, 2012, pp. 739-768.
- BOLTANSKI, Luc e THÉVENOT, Laurent. *De la justification: les économies de la grandeur*. Paris, Gallimard, 1991.
- BRAGA, Gustavo Bastos; FIÚZA, Ana Louise Carvalho e REMOALDO, Paula Cristina Almeida. O conceito de modo de vida: entre traduções, definições e discussões. *Sociologias*. Porto Alegre, v. 19, n. 45, 2017, pp. 348-374.
- CARMO, Íris Nery do. Feminista e vegana: gastropolíticas e convenções de gênero, sexualidade e espécie entre feministas jovens. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 27, 2019, pp. 1-14.
- CELKA, Marianne. *L'Animalisme: enquête sociologique sur une idéologie et une pratique contemporaines des relations homme / animal*. Tese de doutorado, Sociologia, Université Paul Valéry, 2012.
- COLOMÉ, Felipe da Luz. Consumo, política e engajamento: uma análise sociológica do consumo contestatório vegano no Brasil e Canadá. Tese de doutorado, Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.
- CHERRY, Elisabeth. Veganism as a cultural movement: a relational approach. *Social Movement Studies*. Londres, v. 5, n. 2, 2006, pp. 155-170.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. v. 1. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1994.
- ELIASOPH, Nina e LICHTERMAN, Paul. Making Things Political. In: HALL, John; GRINDSTAFF, Laura e LO, Ming-Cheng (Orgs.). *Handbook of cultural Sociology*. London, Routledge, 2010, pp. 721.
- FASSIN, Didier. *Humanitarian reason: a moral history of the present*. Berkeley, University of California Press, 2012.
- FERRIGNO, Mayra Vergotti. Veganismo e libertação animal: um estudo etnográfico. Dissertação de mestrado, Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, 2012.
- FOUCAULT, Michel. De l'amitié comme mode de vie. *Gai Pied*, n. 25, abril 1981, pp. 38-39. Reproduzida no site: <<http://libertaire.free.fr/MFoucault174.html>>. Traduzida

- para o português por Wanderson Flor do Nascimento como “Da amizade como modo de vida”. Disponível em: <<http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/amizade.pdf>>.
- FOX, Nicke e WARD, Katie. You are what you eat?: vegetarianism, health and identity. *Social Science and Medicine*. Amsterdã, v. 66, n. 2, 2008, pp. 85-95.
- FRANCO, Ana Paula Perrota. Humanidade estendida: a construção dos animais como sujeito de direitos. Tese de Doutorado, Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.
- GARNER, Robert. Political science and animal studies. *Society & Animals*. Ann Arbor, v. 10, n. 4, 2002, pp. 395-401.
- GOODWIN, Jeff; JASPER, James e POLLETTA, Francesca. *Passionate politics: emotions and social movements*. Chicago, The University of Chicago Press, 2001.
- GOOREN, Henri. *Religious Conversion and disaffiliation: tracing patterns of change in faith practices*. New York, Palgrave Macmillan, 2010.
- GREENEBAUM, Jessica. Veganism, identity and the quest for Authenticity. *Food, Culture and Society*. Londres, v. 15, n. 1, 2012, pp. 129-144.
- GROVES, Julian. Animal rights and the politics of emotion: folk constructions of emotion in the animal rights movement. In: GOODWIN, Jeff; JASPER, Jasper e POLLETTA, Francesca (Orgs.). *Passionate politics: emotions and social movements*. Chicago, The University of Chicago Press, 2001.
- HERZOG, Harold. “The movement is my life”: the psychology of animal rights activism. *Journal of Social Issues*. Hoboken, v. 49, n. 1, 1993, pp. 103-119.
- HERZOG, Harold e GOLDEN, Lauren. Moral emotions and social activism: the case of animal rights. *Journal of Social Issues*. Hoboken, v. 65, n. 3, 2009, pp. 485-498.
- HUANG, Ronggui. *RQDA: R-based Qualitative Data Analysis*. R package version 0.2-8, 2016. Disponível para download em: <<http://rqda.r-forge.r-project.org/>>.
- INSTITUTO IBOPE. *Pesquisa de opinião pública sobre vegetarianismo*. 2018. Disponível em: <https://www.svb.org.br/images/Documentos/JOB_0416_VEGETARIANISMO.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2020.
- JASPER, James. The art of moral protest: culture, biography, and creativity in social movements. Chicago, University of Chicago Press, 1997.
- KALOF, Linda; DIETZ, Thomas; STERN, Paul e GUAGNANO, Gregory. Social psychological and structural influences on vegetarian beliefs. *Rural Sociology*. Hoboken, v. 64, n. 3, 1999, pp. 500-511.
- MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986.
- MARQUES, Marcelo de Souza. Em torno da ideologia: notas sobre o “falseamento da realidade”. Contemporânea. *Revista de Sociologia da UFSCar*. Florianópolis, v. 11, n. 2, maio-ago. 2021, pp. 717-734.

- MAURER, Donna. *Vegetarianism: movement or moment?*. Philadelphia, Temple University Press, 2002.
- MUNRO, Lyle. *Confronting cruelty: moral orthodoxy and the challenge of the animal rights movement*. Leiden/Boston, Brill, 2005.
- NORRIS, Pippa. *Democratic phoenix reinventing political activism*. 1. ed. New York, Cambridge University Press, 2002.
- PASSY, Florence. Social networks matte. But how?. In: DIANI, Mario e MCADAM, Doug (Orgs.). *Social movements and networks: relational approaches to collective action*. Oxford, Oxford University Press, 2003, pp. 21-38.
- PEREIRA, Matheus Mazzilli. Enquadramento interpretativo, lógicas de ação e dinâmicas interativas: dilemas em interações entre o movimento dos direitos animais e a grande mídia. Dissertação de mestrado, Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.
- REGAN, Tom. *The Case for Animal Rights*. Berkeley, University of California Press, 1983.
- RUBY, Matthew e HEINE, Steven. Meat, morals, and masculinity. *Appetite*. Amsterdã, v. 56, n. 2, 2011, pp. 447-450.
- SANTOS, Arthur Saldanha dos. Ativismos digitais do Movimento Afro Vegano: uma análise das narrativas performáticas nas mídias sociais. Tese de doutorado, Sociologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2022.
- SHERRY, Clifford. *Animal rights: a reference handbook*. Santa Barbara, ABC-CLIO, 2009.
- SHIRKY, Clay. *Here comes everybody: the power of organizing without organizations*. London, Penguin Books, 2008.
- SINGER, Peter. *Libertação animal*. São Paulo, Martins Fontes, 2013.
- SILVA, Marcelo Kunrath e RUSKOWSKI, Bianca de Oliveira. Condições e mecanismos do engajamento militante: um modelo de análise. *Revista Brasileira de Ciência Política*. Brasília, n. 21, 2016, pp. 1-32.
- STOLLE, Dietlind e MICHELETTI, Michele. *Political consumerism: global responsibility in action*. New York, Cambridge University Press, 2013.
- THE VEGAN SOCIETY. *Definition of veganism*. 2018. Disponível em: <<https://www.vegansociety.com/go-vegan/definition-veganism>>. Acesso em: 10 jan. 2018.
- THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais*. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.
- VALOR ECONÔMICO. *Mercado global de alimentos veganos deve chegar a US\$ 34 bi em 2028*. 2023. Disponível em: <<https://valor.globo.com/agronegocios/noticia/2023/02/01/mercado-global-de-alimentos-veganos-deve-chegar-a-us-34-bi-em-2028.ghtml>>. Acesso em: 28 fev. 2024.
- VARNER, Gary. *In Nature's interests? Interests, animal rights, and environmental ethics*. New York, Oxford University Press, 1998.

- VAN DETH, Jan. A conceptual map of political participation. *Acta Politica*. Berlin, v. 49, n. 3, 2014, pp. 349-367.
- VANCOUVER HUMANE SOCIETY. *Almost 12 million Canadians now vegetarian or trying to eat less meat!*. 2015. Disponível em: <<http://www.vancouverhumaneociety.bc.ca/almost-12-million-canadians-now-vegetarian-or-trying-to-eat-less-meat/>>. Acesso em: 05 maio 2016.
- VEGETARIAN TIMES. *Vegetarianism in America*. 2008. Disponível em: <<https://www.vegetariantimes.com/uncategorized/vegetarianism-in-america>>. Acesso em: 07 set. 2017.
- VILELA, Diego Breno Leal. Ativismo Vegano em Natal (RN): uma etnografia sobre mobilização política, alimentação ética e identidades. Dissertação de mestrado, Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013.
- WARDE, Alan. Consumption and theories of practice. *Journal of Consumer Culture*. Thousand Oaks, v. 5, n. 2, 2005, pp. 131-153.

Data de submissão: 26 de outubro de 2023

Data de aceite: 08 de março de 2024

Como citar este artigo:

- COLOMÉ, Felipe da Luz. Vivendo uma vida vegana: uma análise do processo de conversão ao veganismo no Brasil e Canadá. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v.14, p. 1-29, e141286, 2024. DOI: <https://doi.org/10.14244/contemp.v14.1286>